

# 2<sup>o</sup>

## Colocado

### A centralidade do corpo na comunicação interpessoal na organização militar

Nádia Xavier Moreira

Encarregada da Divisão de Assessoria Técnica  
Diretoria de Assistência Social da Marinha  
[nadiaxmoreira@yahoo.com.br](mailto:nadiaxmoreira@yahoo.com.br)

A comunicação interpessoal é um processo de estabelecimento e manutenção de relações, envolvendo a apresentação do “eu” a “outros”, por meio de canais verbais e não verbais. Este artigo volta-se a explorar a comunicação interpessoal não verbal na organização militar, notadamente nas Forças Armadas (FFAA). O trabalho tem, especificamente, o objetivo de discutir, através de uma revisão de literatura, a centralidade assumida pelo corpo na comunicação interpessoal nas instituições militares, uma vez que é a partir e sobre ele que se constrói, molda-se e revela-se a identidade militar.

Sabe-se que a existência corporal não é um dado fixo, posto se encontrar investida de um contexto social, cultural e simbólico. O corpo mostra-se como um construto social e anuncia relações com o outro e com o mundo. O corpo fala, expõe “verdades”, reforça ideias, favorece ou dificulta o entendimento; enfim, dá ênfase à comunicação.

De acordo com Corraze (1982), as comunicações não verbais se processam através de três suportes: no corpo, nas suas qualidades físicas, fisiológicas e nos seus movimentos; no homem, ou seja,

nos objetos associados ao corpo como os adornos, as roupas, ou mesmo as mutilações, marcas ou cicatrizes de tatuagens, de rituais ou não. E por último, à dispersão dos indivíduos no espaço, a qual engloba o físico que cerca o corpo até o qual ele se relaciona, o espaço territorial. Tais suportes comunicacionais se encontram fortemente presentes no campo militar, conformando relações nesse tipo de organização, a exemplo dos treinamentos, dos uniformes com seus signos como medalhas e insígnias e nas formaturas.

Estudos apontam (PAIM e STREY, 2004) que inexistem grupamentos humanos que não modifiquem de alguma forma o corpo de seus membros, cada um, portanto, se especializando na produção de determinados tipos de corpos, os quais servirão como insígnias da identidade grupal, nos quais o corpo biológico trabalhará como instrumento de comunicação dessa última.

Dialogando com tais contribuições, esse estudo parte do pressuposto de que o corpo nas instituições castrenses, mais do que um construto orgânico, é um instrumento que deve comunicar e traduzir a

## Concurso de Artigos Técnicos

identidade militar: um corpo formatado para, a partir dele, extrair ao extremo sua eficiência. Esta produção corporal tem como objetivo “suprimir ao máximo o intervalo entre a [...] ordem e a sua consumação em ato, entre comando e obediência” (LEINER, 2008, p.196), ou seja, é um corpo regido pelo poder disciplinador, o qual age sobre ele exercendo seu controle, docilizando-o. (FOUCAULT, 1987).

### O processo de construção da identidade militar

Homens ou mulheres, ao ingressar em uma instituição castrense, tornam-se herdeiros de um conjunto simbólico identificador da instituição composto por práticas e discursos, expressos em cerimônias, símbolos, rituais e no dia a dia institucional. A instituição precisa ter mecanismos que possibilitem esse processo de assimilação da herança construída.

Para além das organizações e expressões concretas da presença institucional, seus prédios e suas produções materiais, a instituição se realiza no campo da subjetividade, como força de perpetuação de determinadas práticas. Este mecanismo é assegurado através de um processo de socialização imposto a todos que fazem parte dos seus quadros, cuja construção social, advinda deste artifício, forme a identidade militar.

Tal construção, denominada por Castro (2004) de “espírito militar”, consiste no processo, experimentado pelos neófitos no ofício das armas, de socialização profissional. Esta socialização é efetivada quando os sujeitos adquirem disposições, percebidas como evidentes, naturais, predispondo-os a agir de determinada maneira, sem necessidade de lembrar explicitamente das regras a serem seguidas, ou seja, quando há a incorporação do *habitus* militar.

Logo, a inserção na caserna impõe, àqueles que buscam a carreira das armas, abraçar valores e princípios de visão e divisão de mundo, que resultarão na apreensão do *habitus* militar e na produção da filiação dos indivíduos a esta classe. Tal processo ocorre por meio de uma ação pedagógica extremamente violenta, do ponto de vista simbólico, na qual se busca matar o “velho homem” (BOURDIEU E PASSERON, 2012) e gerar um novo *habitus*, possuidor de características específicas da instituição FFAA, o qual foge aos padrões usuais da sociedade civil.

Este processo ocorre, em termos práticos, por meio de uma série de estratégias de socialização, cujo ponto principal reside na docilização dos novos membros, de forma tal que se ajustem adequadamente ao novo espaço, tornando-se úteis à manutenção da identidade e da integridade da organização.

Estudos (CASTRO, 2004; LEINER 2006, 2009) ainda apontam que as relações sociais no campo militar são norteadas por duas categorias centrais: a hierarquia e a disciplina, as quais possuem uma relação de interdependência e são reconhecidas pela própria organização como pilares da instituição militar. A hierarquia constitui elemento chave para compreensão da mentalidade militar, separação entre mundo castrense e mundo civil. A disciplina norteia as condutas individuais e coletivas no campo militar; é princípio primeiro da divisão social de tarefas, papéis e status no interior das FFAA; determina condutas e estrutura relações de mando e obediência.

O poder e a autoridade disciplinar são obtidos através da distribuição dos indivíduos no espaço, lançando mão para isto da especificação de um local, do princípio da localização imediata e funcional, e, do intercâmbio dos indivíduos; valem-se também do controle das atividades, por meio de horários, da elaboração temporal do ato, da correlação corpo-gesto, da articulação corpo-objeto e da utilização exaustiva do corpo.

## Concurso de Artigos Técnicos

A educação ministrada aos militares nas academias revela como o poder e a autoridade disciplinar conformam e constituem as organizações castrenses. A disposição física do espaço, local onde são realizadas as atividades pedagógicas é devidamente fechada e quadriculada, para que os alunos incorporem a ideia de que ao longo do tempo sempre ocuparão um local determinado e executarão uma atividade específica. Acrescenta-se o fato de que o conjunto arquitetônico da instituição deve compor uma estrutura favorável à vigilância e à observação de todas as pessoas que transitam por ele<sup>1</sup>.

Os horários devem ser rigidamente cumpridos, as atividades são sistematicamente realizadas à luz de uma programação diária: alimentar-se, ordem unida, assistir às aulas, realização de provas, estudos obrigatórios, etc. As tarefas são realizadas, na maior parte das ocasiões, comandadas por toques das cornetas, campainhas, sirenes, ordens verbais, gestos corporais, com vistas a automatizar a conduta dos discentes. Adicionam-se os mecanismos de controle, como recompensas e punições, que possibilitam assegurar respostas apropriadas aos estímulos correspondentes.

Segundo Foucault (1987), a disciplina aumenta a força em termos econômicos de utilidade e diminui a resistência que o corpo pode oferecer ao poder. Logo, na caserna, “marche!” significa a correspondente postura corporal imediata, na qual busca suprimir ao máximo o intervalo entre a ordem e a sua consumação em ato.

Vê-se, assim, que o corpo possui um centralidade em todo esse processo de construção e incorporação da identidade militar, afinal disciplina-se a mente disciplinando-se o corpo<sup>2</sup>. Entende-se ainda que essa construção corpórea, além de expressão identitária desse grupamento, é veículo central de comunicação nesse campo.

<sup>1</sup> Tem-se como exemplo o Panópico de Betham (FOUCAULT, 1987).

## A comunicação pelo corpo no meio militar como expressão da identidade grupal

Estudos indicam que cada sociedade, revestida de seu sistema cultural, impõe ao indivíduo um uso rigorosamente sobre o corpo determinando-o (BARBOSA et al., 2011; BOLTANSKI, 2004; LE BRETON, 2012). O sistema social gesta seus próprios padrões de corpo, constrói as particularidades deste último, bem como reforça os atributos que julga mais necessários para ele em detrimento de outros. Logo,

as representações do corpo, e os saberes que as alcançam, são tributárias de um estado social, de uma visão de mundo, e, no interior desta última, de uma definição de pessoa. O corpo é uma construção simbólica, não uma realidade em si. (LE BRETON, 2012, p. 18).

Nesta linha de pensamento, Bourdieu (2007) entende que a relação mantida por um agente com o mundo social e o lugar por ele atribuído nesse mundo, expressa-se através do lugar, por ele ocupado, com seu corpo no espaço físico, por sua postura e

<sup>2</sup> É importante destacar que na vida militar, para além do ambiente de trabalho, locais de moradia, lazer e de estudo são compartilhados. Características estendidas aos cônjuges e filhos. Estudos recentes (SILVA, 2007) revelam que a própria “família militar”, conceito nativo em termos antropológicos, apresenta características que a definem segundo normas e condutas da organização militar, o que denota a ideia de que a família possa ser uma extensão da corporação, refletida na organização da moradia, do convívio com famílias do mesmo círculo hierárquico do cônjuge militar, na organização do cotidiano (formas de trabalho, lazer etc.), do papel desempenhado pelas esposas que reproduzem informalmente a hierarquia dos maridos, o que indica que a hierarquia transborda os muros dos quartéis e invade a esfera da intimidade dos seus membros.

## Concurso de Artigos Técnicos

por seus gestos firmes ou reservados, amplos ou acanhados. O corpo é expressão da presença identitária do sujeito no mundo.

Segundo o autor (1996), o *habitus* de um campo origina formas diferenciadas de expressão corporal, uma vez que as disposições incorporadas moldam o corpo a partir das condições materiais e espirituais, traduzindo uma maneira de ser no mundo. Para o autor (1996, p. 165) “o que está inscrito no mundo é um corpo para que possa existir um mundo, mas segundo um modo de inclusão irredutível à simples inclusão material e espacial”.

Nessa perspectiva, é importante à análise do processo da socialização militar a presença de uma pedagogia do corpo. O corpo do militar está fortemente investido em sua relação com o mundo, obrigando-o a sofrer modificações em favor desta relação. Os militares aprendem e se comunicam pelo corpo, o que inclui uma maneira de andar, falar, vestir, cortar ou apresentar o cabelo, e, se dirigir a outras pessoas.

Em pesquisa pioneira realizada, a partir de uma etnografia com cadetes da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), Castro (2004) identifica que o indivíduo ao fazer parte de uma organização militar, desde o primeiro momento da estadia em regime de internato, têm seu corpo submetido a uma bateria de rituais expiatórios, treinamentos físicos e repetição, cuja principal função é forjar a construção de uma nova pessoa, de um novo “eu”, o militar, com qualidades distintas do “civil” (ou “paisanos”)<sup>3</sup>, cuja identidade é reconhecida a partir da ideia de pertencimento a um “mundo de dentro” (o meio ou mundo militar) em contraposição ao “lá fora” (meio ou mundo civil).

Esse novo corpo deve comunicar a ordem social da qual faz parte os militares, diferenciando-os dos civis, ou seja, deve ser instrumento de expressão da condição militar “uma pretensa essência militar naturalizada” (LEINER, 2008, p.11), a qual pode ser entendida como o

conjunto vasto e complexo de direitos, deveres e situações que definem o específico enquadramento jurídico, deontológico, psicológico e material das FFAA, tendo por base a especial natureza das suas missões e das suas actividades. (PIMENTEL, 2008, p.345).

Contribuindo nessa discussão, Louro (2000, p.08) afirma que “investimos muitos nos corpos. De acordo com as mais diversas imposições culturais, nós os construímos de modo a adequá-lo aos critérios estéticos, higiênicos, morais e físicos dos grupos a que pertencemos.”. Os corpos são, assim, significados e continuamente alterados pela cultura.

Nesta linha de raciocínio, espera-se que o corpo de um militar se constitua em referência que ancore a identidade social desse grupo, isto é, um corpo disciplinado. O *habitus* militar, em muitas ocasiões, condicionará o corpo a assumir gestos, verbalizações e movimentações, exteriorizados de modo inconsciente, que escapam ao controle do próprio sujeito. Como extensão dos seus pertences de trabalho, o corpo dos militares é parte tão importante de sua vida profissional quanto o seu armamento. Este corpo é sempre passível de exposição, de ser posto em perigo e ao risco da morte, uma vez que o cumprimento da missão da defesa nacional pode ocasionar o sacrifício da própria vida.

A aprendizagem pelo corpo, no campo militar, ocorre pelo mimetismo, através de instruções de ordem unida (marchas), treinamentos físicos e manejo de armamentos, ensinados, em sua maioria, por técnicas de demonstração. Sua fixação é dada pela repetição continuada durante a vida do militar após se

<sup>3</sup> Termo nativo pejorativo para denominar pessoas civis, que não fazem parte do mundo militar. Segundo Castro (1990, p. 42) “a origem de ‘paisano’ está no francês *paysan* (camponês, rústico). O equivalente a ‘paisano’, em termos conotativos, seria ‘milico’, depreciativo do militar.

## Concurso de Artigos Técnicos

formar e visa, sobretudo, moldar o corpo de tal forma que se ajuste às normas e possa reproduzi-las dócil e performaticamente, tornando tal corpo sempre útil, submisso, funcional e expressão da instituição a qual serve.

Afinal, atributos físicos distinguem e tornam reconhecíveis os militares mesmo quando não estão fardados, ou seja, mesmo quando destituídos da marca mais visível da corporação, mesmo fora do campo militar, dado que as disposições adquiridas pelo corpo, como parte do processo de socialização, são encarnadas e expressas no indivíduo de maneiras irremediáveis. Pois, como bem ilustra Foucault,

o soldado é antes de tudo alguém que se reconhece de longe; que leva os sinais naturais de seu vigor e coragem, as marcas também de seu orgulho: seu corpo é o brasão de sua força e de sua valentia; e se é verdade que deve aprender aos poucos o ofício das armas - essencialmente lutando - as manobras como a marcha, as atitudes como o porte da cabeça se originam, em boa parte, de uma retórica corporal da honra. (FOUCAULT, 1987, p. 125).

### Conclusão

Buscou-se, nos limites desse trabalho, discutir como o corpo no campo militar comunica a identi-

dade social desse grupo. Tomou-se de empréstimo para essa tarefa a contribuição de autores das ciências sociais e de estudos pioneiros da intitulada “Sociologia Militar”. O estudo teve como ponto de partida uma aproximação com os aspectos que comparam na construção da identidade militar. Entendeu-se que a recuperação desses elementos foi fundamental à compreensão do corpo como epicentro desta construção e como principal instrumento de expressão e de comunicação dessa identidade.

O êxito do processo de construção e incorporação da identidade militar é um indivíduo fabricado, cujas definições e expectativas militares tornam-se também as suas. Afinal, tornar-se um sujeito militar é, tornar-se tanto o produto como o instrumento da instituição para a sua auto-reprodução, tanto o agente como o paciente da disciplina militar: o agente que exerce o poder como o paciente sobre o qual ele é exercido.

Acredita-se que a abordagem do corpo como elemento estruturante da comunicação no meio militar permite dialogar com os princípios orientadores da conduta neste tipo de organização, o que muito revela da sua forma de ser e de aparecer. Aspecto fundamental à compreensão, e conseqüentemente, ao aprimoramento da comunicação interpessoal nesse campo.

### Referências

BARBOSA *et al.* Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. *Psicologia & Sociedade*. Rio Grande, vol. 23, n.1, p.24-34, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v23n1/a04v23n1>>. Acesso em: 15 maio 2014.

BOLTANSKI, L. *As classes sociais e o corpo*. São Paulo: Grall, 2004.

BOURDIEU, P & PASSERON, J. C. *A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Petrópolis: Vozes, 2012.

## Concurso de Artigos Técnicos

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp, 2007.

\_\_\_\_\_. *Meditações pascalinas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

CASTRO, C. *O espírito militar: um estudo de antropologia social na Academia Militar das Agulhas Negras*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2004.

CORRAZE, J. *As comunicações não verbais*. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

LE BRETON, D. *Antropologia do corpo e modernidade*. Petrópolis: Vozes, 2012.

LEINER, P.C. *Meia volta volver: um estudo antropológico da hierarquia militar*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 1997.

\_\_\_\_\_. A etnografia como extensão da guerra por outros meios: notas sobre a pesquisa com militares. *Mana*, Rio de Janeiro, vol.15, n.1, p. 59-89,

abr. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/mana/v15n1/03.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2011.

\_\_\_\_\_. Sobre “nomes de guerra”: classificação e terminologia militares. *Etnográfica*, Lisboa, vol.12, n.1, p. 195-214, maio, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/etn/v12n1/v12n1a10.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2011.

LOURO, G. (Org.). *O corpo educado: pedagogia das sexualidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PAIM, M. C. C. e STREY, M. N. Corpos em metamorfose: um breve olhar sobre os corpos na história, e novas configurações de corpos na atualidade. *Revista Digital*, Buenos Aires, ano 10, n.79, dez. 2004. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd79/corpos.htm>>. Acesso em: 10 jan. 2014.

PIMENTEL, L. *A Restrição de Direitos aos Militares das Forças Armadas*. Lisboa: AAFDL, 2008.

SILVA, F. C. M. “Eu adoro ser mulher de militar”: um estudo exploratório sobre a vida das esposas de militares. 2007. Disponível em: <[http://www.arqanalagoa.ufscar.br/abed/integra/fernanda\\_chinelli\\_14-08-07.pdf](http://www.arqanalagoa.ufscar.br/abed/integra/fernanda_chinelli_14-08-07.pdf)>. Acesso em: 12 mai. 2012.